Sobre os Barsana do Noroeste Amazônico

JEAN JACKSON

Em ambos os lados da fronteira entre a Colômbia e o Brasil, no noroeste da Amazônia, vivem os Barasana, um dentre vários grupos exogâmicos, lingüisticamente distintos do rio Pirá-paraná e seus afluentes. Stephen e Christine Hugh-Jones fizeram uma prolongada pesquisa de campo (22 meses) nessa região no período de 1968 a 1970, sendo os dois livros aqui resenhados(*) versões revistas de suas teses baseadas nessa pesquisa.

Ambos os volumes oferecem um tratamento etnográfico compreensivo da sociedade Pirá-paraná e, embora a descrição etnográfica não represente o principal interesse de nenhum dos autores, cada um estabelece um novo parâmetro para o trabalho de campo, em termos de total imersão na cultura, de cobertura detalhada e compreensiva (auxiliada pelo fato de constituirem uma equipe de marido e mulher) e uma atenção admirável na localização dos Barasana em seu ambiente material, com identificações científicas de espécies, discussão do meio ecológico e variações sazonais, e assim por diante.

Stephen Hugh-Jones concentra-se nas esferas religiosa e cosmológica da vida Barasana e, mais especificamente, no ciclo de iniciação masculina. Utiliza esse complexo cerimonial — uma versão do muito conhecido culto secreto masculino do *Yurupary* encontrado em muitas regiões da baixa América do Sul — como um código para decifrar grande parte da cultura Barasana. Christine Hugh-Jones cobre o que, às vezes, parece todo o resto, juntando áreas da vida tão díspares como cozinha, nascimento, geografia, hierarquia social, caça e parentesco em

(*) Hugh-Jones, Christine — *From the Milk River: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia.* Cambridge: Cambridge University Press, 1979, xx + 302 p.
Hugh-Jones, Stephen — *The Palm and the Pleiades: Initiation and Cosmology in Northwest Amazonia.* Cambridge: Cambridge University Press, 1979, xvi + 332 p.

um só sistema baseado, como indica o título, nos processos espaciais e temporais que resultam, em grande medida, de analogias biológicas. "Os índios concebem e organizam todos os processos que governam o desenvolvimento e a manutenção tanto do corpo físico como dos grupos sociais como se tivessem uma semelhança fundamental" (: 278).

Diferentemente de muitos etnógrafos, ambos os autores fazem questão de assinalar os assuntos que não cobriram de maneira exaustiva (embora fiquemos exaustos pelo que eles realmente discutem). Essa advertência é útil, porque a riqueza de detalhes etnográficos e a densidade e âmbito do modelo de como os Barasana conceitualizam o universo dá a impressão de serem completos.

O casal Hugh-Jones estabelece novos parâmetros, também, em outros aspectos. Mesmo limitando-se aos dados dos Pirá-paraná, revelam uma erudição considerável (especialmente Stephen) quando introduzem material comparativo relevante para elucidar questões específicas. Além disso, embora nenhum dos dois fique emaranhado nos dados, ambos os volumes demonstram um profundo respeito por eles. Especialmente louvável é a atenção dos autores em proporcionar ao leitor a oportunidade de examinar casos que vão contra a sua própria argumentação. Naturalmente, a longo prazo, seus cuidados tranqüilizam o leitor quanto à seriedade e, em última instância, à validade de suas interpretações. Somos convidados a participar do trabalho mais como membros de equipe do que como membros de uma platéia ofuscável pelo descarte manipulador e fácil de informações conflitantes. É, porém, um convite exigente, pois temos, também, que partilhar do trabalho.

Ambos os autores utilizam o método e teoria estruturalista e ambos os livros são exemplos superlativos desse tipo de análise. Todos os requisitos são satisfeitos: pesquisa projetada de maneira competente (e modificada no campo de maneira apropriada), honestidade e precaução na interpretação e nas conclusões, além de uma amplitude de visão, especialmente no volume de Christine, que ilustra exatamente de que é capaz esse tipo de abordagem, em termos de síntese e de fazer sentido de uma vasta gama de pedaços de informações inicialmente enigmáticos e aparentemente não relacionados.

O *Yurupary*, conhecido entre os Barasana como Casa de *He* e Casa da Fruta, é um complexo cerimonial que contém e expressa todos os postulados básicos da religião e mitologia dos Barasana. *He* é uma palavra polissêmica que se refere aos ancestrais, a um estado de ser que envolve contato com poder ancestral e a objetos que possuem esse poder, tais como as

flautas e trombetas sagradas. A análise de um ritual em vez de um mito permite a Stephen estabelecer alguns pontos sobre o simbolismo Barasana, em geral, que representam, ao mesmo tempo, uma elaboração e um afastamento dos procedimentos de Lévi-Strauss ilustrados na série *Mythologiques.* O autor focaliza a atenção em um ritual extenso encontrado em uma só cultura, ao invés de examinar vários temas míticos em várias culturas, traçando suas variações e transformações. Por meio de explicação bastante minuciosa da Casa de *He,* ele demonstra o ponto de que "através do ritual... os elaborados sistemas mitológicos deste povo adquirem significado como uma força ativa e um princípio organizador da vida diária" (: 3). Difere, assim, de Lévi-Strauss em sua utilização de comparações transculturais, na ênfase no ritual e não no mito e numa preocupação maior pelo *que* significam os mitos e não *como* significam. Apresenta um estudo de caso extenso testando, portanto, as várias hipóteses de Lévi-Strauss sobre os mundos queimados e podres, os "instrumentos das trevas" e outros símbolos, ao mesmo tempo que nos mostra como o estruturalismo é um método de investigação, sendo que sua versão particular serve como exemplo e também como crítica. Para quem não é estruturalista, como eu, esse é um dos feitos mais bem-vindos do livro.

Ambos os autores têm o cuidado de evitar as armadilhas colocadas pelas paradas em tantos pontos distantes e, aparentemente, desconectados no caminho de um destino final, sem explicar ao leitor o itinerário completo. Como o próprio cerimonial do *Yurupary,* o estruturalismo parece, por vezes, algo como um culto secreto adequadamente revelado apenas aos iniciandos de valor. Monografias como estas nos conduzem ao sagrado dos sagrados, onde os ritos são realmente praticados. Os autores são guias cuidadosos, fazendo-nos ver até onde seus dados são completos e fidedignos e, como já foi mencionado, permitindo que nós, aprendizes, participemos do jogo estruturalista. Desse modo, ficamos mais aptos para aceitar as assombrosas demonstrações de equivalências e síntese que ambos os volumes fornecem.

A Casa de *He* é um ritual de iniciação raramente desempenhado. Juntamente com os rituais mais comuns, tais como a Casa da Fruta, dedica-se a criar ou recriar a sociedade Barasana. Pois, enquanto as mulheres criam filhos, são os homens Barasana que se reproduzem a si mesmos e a possibilidade de que a vida individual e coletiva continue. Assim, a ênfase que Stephen dá a esse ritual é apropriada, não apenas porque a Casa de *He* representa o melhor código para se decifrar muitos

princípios fundamentais da cultura Barasana, mas também porque desempenha um papel vital na criação dessa cultura e sua manutenção (conforme explicação do ciclo do mito de origem). Durante esses ritos, o tempo e o espaço se fundem, permitindo um contato renovado com os ancestrais e com o poder que estes têm de dar vida durante o estado ritual de *He*. Na condição de único forasteiro a participar, como iniciando, da Casa de *He*, Stephen viu-se em posição singularmente privilegiada para descobrir e compreender o simbolismo multi-segmentar dos objetos, participantes e comportamentos envolvidos. Embora excluídas de muitas maneiras, as mulheres e crianças também se beneficiam do contato com os ancestrais e servem de realce ritual para as atividades dos homens, tanto como atores quanto como exemplos de símbolos contrastantes. Um exemplo é a caracterização dos iniciandos como homens que menstruam: isto não é simplesmente empréstimo de um processo e imagem femininos, mas uma expropriação dos seus efeitos benéficos para os propósitos masculinos — embora, em última análise, o objetivo é criar de novo a sociedade Barasana a qual inclui, naturalmente, mulheres e crianças. A participação de Christine do lado feminino do ritual, além de seu papel de assistente ao fazer anotações, aumenta a riqueza e fidedignidade do relato de Stephen.

Por haver participado do ritual, o autor conseguiu entender muitas das conexões entre mito e ritual. Como diz ele, "o mito pode demonstrar ordem no pensamento, mas é através do ritual que essa ordem é manipulada para produzir ordem na ação e na sociedade como um todo" (: 260). Em admirável detalhe, seus capítulos descrevem os ritos em termos de participantes, parafernália ritual, progressão da ação ritual e outros tópicos. Dada a complexidade e, muitas vezes, a falta de familiaridade que o leitor tem desse assunto, o relato também é de uma clareza impressionante. Temos, assim, uma descrição detalhada de uma ocorrência específica do rito, os comentários dos Barasana, conforme o concebem de modo geral e o comentário de Stephen sobre o *Yurupary* na bacia amazônica.

Em toda a sua discussão, o autor tira conclusões sobre os símbolos chaves: os frutos da palmeira Paxiuba e a constelação das Plêiades, cujo aparecimento assinala o início dos ritos, a cabaça de cera de abelhas do xamã e os próprios instrumentos *Yurupary*. A cabaça é, primordialmente, um símbolo feminino, as trompas e as flautas, primordialmente masculinos; o reconhecimento da importância nos ritos da cabaça de cera, até então ignorado, altera bastante o significado do ritual todo, es-

pecialmente, sua natureza bissexual e, em última análise, andrógena.

Na verdade, o simbolismo dos rituais é extremamente complexo e interligado, tornando uma sumarização virtualmente impossível. O mundo que ambos os livros analisam é uma totalidade; portanto, extrair os domínios e peças simbólicos do ritual ou do mito para fins de discussão resulta em grandes distorções. Além disso, como coloca Stephen, "um dos traços mais interessantes e significativos dessas sociedades é que, diferentemente de alguns antropólogos que as estudam, elas não vêem seu parentesco, casamento e organização social como isolados de uma ordem religiosa e cosmológica maior" (: 3). Além do mais, mesmo sendo possível rotular muitas das analogias e discutí-las separadamente (por exemplo, todos os processos e estados orgânicos, como os estágios do ciclo vital: crescimento, decomposição, fertilidade), em última instância, isso leva a um quadro distorcido e reducionista de seu significado. Finalmente, muitas das referências simbólicas são tão abstratas que só ganham significado para nós depois de recobertas com exemplos etnográficos. Sem esse embasamento, oposições fundamentais, como aberto *versus* fechado, ordem estática linear *versus* moção oscilatória, ficariam vazias e excessivamente formais.

Enquanto Stephen se concentra no lado religioso da vida Barasana, Christine examina o lado mais cotidiano, como cuidar das roças, o ciclo doméstico, o sistema de sibs hierárquicos, e assim por diante. Mas, como já foi observado antes, os Barasana não fazem dicotomias categóricas entre as ordens social ou econômica e a cosmológica e, num certo nível (especialmente durante certos períodos de atividade ritual), tudo se torna sagrado. Isto não quer dizer que os Barasana não tenham graus de pureza ritual nem diferenciem o prosaico do extraordinário, mas sim que, sob vários aspectos importantes, tudo se encaixa conceitualmente e, em última análise, em termos de praxis. A tarefa de Christine é mostrar como isso opera, tarefa que ela desempenha muito bem. Demonstra claramente que a meta de qualquer análise de estrutura simbólica é, em última instância, não um conjunnto abstrato de oposições ou configurações taxonômicas, mas uma estrutura que está, fundamentalmente, ligada à ação (vide Barnett, 1977 : 276).

Exemplo de sua abordagem é a demonstração de elos entre a produção de alimentos (incluindo tanto o alimento comum quanto "comida da alma" ritual, como a coca, o fumo, o *banisteriopsis* e o caxiri), o processamento, distribuição e consumo e os processos de reprodução dos indivíduos e da estrutura so-

cial (: 169). Ilustrações claras dessas associações são feitas através de um grande número de diagramas. Um exemplo particularmente feliz, encontrado na página 175, apresenta os estágios do processamento da mandioca, incluindo o tempo e o local em que ocorre cada estágio, tanto em termos de localização dentro da casa comunal, como em um eixo vertical. Estas e outras características, como, por exemplo, se uma substância é líquida ou sólida, são ligadas a muitos outros domínios, como papéis masculinos e femininos, ritual e mito. Como uma simples descrição de uma parte significativa de uma economia indígena, seu relato suplanta a maioria.

Cuidadosamente, o livro conduz a um clímax espetacular, juntando todas as distintas áreas da cultura Barasana em termos de configurações de espaço e tempo. Christine demonstra num diagrama como as ordenações linear e concêntrica se combinam em um modelo abrangente que se aplica aos sistemas fluviais, ao plano de assentamento, ao interior da casa comunal, ao canal alimentar e à fisiologia reprodutiva. Ao tentar descrever aqui essa abordagem e seus resultados de maneira tão resumida estou fazendo injustiça à sua riqueza e elegância.

Todos os tópicos que, tradicionalmente, são mantidos separados, como tecnologia, economia, organização social, recebem de Christine um tratamento estruturalista inovador. Ao discutir as conceitualizações Barasana sobre os processos de recrutamento nas várias categorias sociais e como estas são simbolizadas, a autora tem o cuidado de descobrir os próprios princípios Barasana ao invés de impor outros que poderiam "fazer sentido" dos dados mas que talvez não fizessem sentido para os atores.

Assim, ela demonstra, por exemplo, como os modelos de uma geração e duas gerações do ciclo de vida, quando justapostos, dão conta do ciclo de reprodução social dos grupos patrilineares, do ciclo de vida do indivíduo de ambos os sexos e da herança dos nomes, além de como o simbolismo dos ossos e sêmen masculinos e da carne e sangue femininos se encaixam nesses processos (: 162).

O sistema de nomes, que tem importância crucial, fornece as condições de sobrevivência depois da morte física: "Se não tivessemos nomes, morreríamos como um cadáver apodrecido" (: 165). Os grupos exogâmicos estão organizados em entidades distintas, em parte, através dos nomes: as sucuris ancestrais eram semelhantes em forma e em lugar de origem, mas tinham nomes separados de Sucuri Peixe, Sucuri Pedra, Sucuri Céu etc.

Os nomes das sucuris ancestrais demonstram um outro esquema classificatório dos Barasana, que é a referência ao cosmos e ao lugar da sociedade Pirá-paraná dentro dele. O céu, a terra, o rio; o ar, o solo, a água; a onça, a águia, a sucuri são representações dessa tricotomia. A explicação de todas as conexões simbólicas deste e de outros sistemas simbólicos já é um longo caminho percorrido para compreender muito do que, a princípio, parecia incompreensível em afirmações dos Tukano sobre a sua estrutura social, como ela deveria funcionar, e se encaixam nas referências míticas a grupos exogâmicos originais ou correntes, alianças matrimoniais adequadas, explicação de atividades guerreiras. Ao longo da discussão, Christine tece considerações sobre casamento de primos cruzados bilateral descritivo, troca direta, reconciliação da hierarquia com valores igualitários, hierarquização simbólica em contraste com estratificação em termos de acesso diferencial a recursos escassos e muitos outros tópicos de interesse para os estudos sul-americanos e para a teoria etnológica em geral. Entretanto, a demonstração mais impressionante de poder analítico está na sua habilidade de mostrar as dimensões espacial e temporal subjacentes às conceitualizações Barasana dos sistemas social, geográfico, geracional, agrícola e outros, por meio da imagem continuamente recorrente do concêntrico e linear, alto e baixo, cumulativo e cíclico.

O tratamento dado às mulheres é outro empreendimento dos livros do casal Hugh-Jones. Christine escreve com eloqüência no Prefácio sobre o sentimento de exclusão que sentiu durante o trabalho de campo, sobre os temores de estar perdendo os acontecimentos "realmente importantes". Porém, suas observações cuidadosas e o delineamento subseqüente do pensamento e ação Barasana, com relação a papéis, comportamento e ideologia sexuais, puseram fim a esses temores. Por um lado, as mulheres Barasana, mesmo vivendo numa sociedade claramente dominada pelos homens, aparecem como partes integrantes de toda atividade e de todo domínio semântico, até mesmo (ou, às vezes, especialmente) quando estão fisicamente ausentes ou sua participação é limitada ou vista em termos negativos. Por outro lado, é extremamente significativa a imagem feminina e as construções Barasana de princípios femininos, demonstrados, por exemplo, pela cabeça de cera ou pelo simbolismo de reversibilidade que contrasta com o simbolismo masculino contínuo e cumulativo). Devido às conseqüências da estrutura social Pirá-paraná em ação, as imagens e o poder feminino, por vezes, vão contra os interesses de mulheres específicas envolvidas nas atividades. Ambos os tipos de informa-

ção etnográfica — tratar de mulheres reais como indivíduos e de simbolismo feminino — são tratados de maneira exaustiva em ambos os livros e muito mais satisfatória do que os relatos anteriores que existem sobre a cultura do Uaupés ou, na minha opinião, qualquer outra monografia sobre sociedades das terras baixas da América do Sul. As mulheres vêem-se a si mesmas e são vistas pelos homens como menos envolvidas com assuntos sagrados, sendo muito mais suscetíveis de serem caracterizados como de fora, periféricas, arruaceiras, necessárias mas necessitando precaução, etc. Os autores não são criptofeministas que atenuam a política sexual da cultura Barasana. Em todos os níveis, as relações entre homens e mulheres são examinadas e interpretadas, revelando interdependência e significação, virtualmente, em todas as áreas da vida diária, como também no ritual e no mito.

Gosto especialmente de dois aspectos do tratamento que eles dão ao assunto. Um é que eles não reduzem os símbolos a um símbolo arquétipo. A comida pode simbolizar sexo, por exemplo, mas, muitas vezes, é o contrário. Além disso, os autores mostram quando as oposições macho/fêmea são unidas num plano mais alto: como aponta Christine, tanto durante o ritual como em atividades diárias, as relações apropriadas, sociais e cosmológicas envolvem uma habilidade por parte do indivíduo e do grupo de partilhar da conjunção criativa entre os sexos. Exemplo especialmente interessante é a explicação da posição do xamã, estranhamente baixa, no sistema simbólico de papéis especializados assumidos pelos sibs em posições hierárquicas distintas. Christine explica que a baixa posição do xamã em termos de estágios do ciclo vital é como a de alguém que ainda não se casou, sendo, portanto, "júnior". Os Barasana consideram que os xamãs estão (idealmente) protegidos dos aspectos procriadores das mulheres (: 66).

Meus comentários finais são a respeito de vários temas abstratos que recorrem em ambos os livros, temas atualmente discutidos na literatura teórica. Um deles é a variabilidade que ocorre em todos os níveis da sociedade Pirá-paraná, desde demografia e padrões de assentamento a modelos de informantes sobre a religião e a cosmologia Pirá-paraná. Naturalmente, parte desse tipo de variabilidade está ligado de maneira mais indireta à filosofia Barasana, do que outros tipos pelo menos num determinado tempo, mas a questão é bem colocada — o que se poderia chamar de variabilidade estruturada parece ser vital para o funcionamento do sistema cultural Pirá-paraná. Exemplos dessa variabilidade inerente são as diferentes posições e visões de mundo de homens e mulheres, ou a que é

encontrada entre os sibs distintamente hierarquizados. Também mencionei acima os diversos símbolos associados a grupos exogâmicos. Existe, igualmente, variabilidade regional que resulta de modificações culturais, histórias diferentes (por exemplo, alguns desses grupos migraram para o Uaupés mais tarde do que outros), níveis diversos de aculturação e diferenças em geografia, tais como localização num determinado rio (acima ou abaixo). O casal Hugh-Jones mostra como essa variabilidade é incorporada às descrições e explanações que os Barasana fazem do universo.

Os dois livros abordam algumas questões bastante problemáticas que advêm desses tipos diferentes de variabilidade, apesar de lidarem com uma área extensa (muito do conteúdo dos livros se aplica ao Uaupés inteiro) de grande heterogeneidade lingüística.Os autores não simplificam demais nem recorrem a reducionismos. Entretanto, como já indiquei, ao terminarmos de ler os livros não temos a sensação de uma opressiva massa de dados e muito pouca síntese. Isto não quer dizer que os livros não sejam densos e, por vezes, difíceis de ler. Embora bem escritos, são, freqüentemente, pesados e requerem muita atenção, pela densidade da descrição e pelo alcance da análise. Porém, a intenção dos autores é tornar o mundo Barasana compreensível para nós, sem que, ao traduzí-lo, traiam os Barasana e sua compreensão. Tarefa difícil, mas, de modo geral, bem sucedida.

A existência de que poderíamos chamar de realidades múltiplas é um outro tema relacionado com a variabilidade. A um nível, o mundo é imutável, sendo um objetivo da Casa de *He* re-estabelecer o contato com esse nível, contato esse, a um tempo necessário e perigoso. Fazê-lo envolve, não tanto viajar para trás no tempo até um passado mítico, como desfazer o tempo. As metáforas e lembretes de como isso é feito estão por toda parte: nas idéias Barasana sobre o nascimento, no sistema de nomes e, sem dúvida, na estrutura do ritual da Casa de *He,* com irmãos classificatórios de sibs diferentes representando os segmentos hierárquicos do corpo da sucuri ancestral. No entanto, é um tempo linear, pois o parentesco Pirá-paraná é baseado na descendência partilinear, que é desfeita. No momento mais secreto do ritual *He,* há apenas uma única casa comunal, que é o próprio universo e, é óbvio, o tempo não existe. Esta realidade, sempre por trás da realidade cotidiana, é, num certo sentido, a mais "real". Existem nos dois livros muitos outros exemplos deste tema de níveis múltiplos de realidade.

Por sua vez, isto nos leva a um outro tema, o da contradição, bem ilustrado na discussão de Stephen sobre a Casa de

He: "... categorias que, normalmente, são mantidas separadas passam a ser fundidas e confundidas: a casa torna-se o universo, o passado e o presente são fundidos de modo que os mortos estão vivos e os vivos mortos, o tempo presente torna-se tempo mítico, um tempo quando os seres humanos, animais e ancestrais ainda são indiferenciados. Os principais símbolos rituais, os instrumentos de *He* e a cabaça de cera, que combinam atributos opostos mas complementares, são os meios pelos quais se dá a fusão de categorias" (: 248). Como já foi observado, a descendência implica em tempo linear; no entanto, a extensão do tempo de descendência durante a Casa de *He* e os outros tempos da justaposição simbólica da continuidade masculina e renovação oscilatória feminina resolvem simbolicamente a contradição, na ação ritual e no comportamento real, seja no casar ou no comer uma boa refeição. Estas instâncias de justaposição de símbolos complementares que se fundem num plano superior ainda são contradições e ainda existem em tensão nos planos inferiores. Há ocasiões, como na metáfora, narrativa mítica e atividades cotidianas, em que elas são elaboradas na forma de hostilidade (por exemplo, entre os sexos). A ambigüidade — o que poderíamos chamar de ambigüidade criativa — também entra aqui. Os significados são multidimensionais e dependem do contexto. Porém, isso não é negar que a ambigüidade possa surgir, às vezes, em outros contextos dados, uma ambigüidade que não é descartada como falta de conhecimento do informante numa certa área, ou devido à deculturação ou algo externo ao próprio sistema simbólico.

Como conclusão, quero apenas reafirmar que estes volumes são valiosos e intelectualmente portentosos, verdadeiros *tour-de-force* que nos abrem os olhos para quão boa uma etnografia pode ser, quão estimulante e penetrante a análise estruturalista pode ser, quão sábios e profundos são os Barasana e suas explicações de si mesmos — seus corpos, suas origens, sua sociedade, seu meio ambiente e sua razão de ser. Temos muito que aprender com eles; o grande elogio que podemos fazer a esses livros é dizer que eles nos mostram tudo isso de maneira tão persuasiva.

(Tradução de Alcida Rita Ramos)

BIBLIOGRAFIA

BARNETT, Steve. "Identity Choice and Caste Ideology in Contemporary South India." In *Symbolic Anthropology: A Reader in the Study of Symbols and Meaning*. J. L. Dolgin, D. S. Kemnitzer e D. M. Schneider (organizadores), p. 270-91. Nova Iorque, Columbia University Press, 1977.